

Entre navalhas, velas e matracas: os flagelantes da vila de Campos no século XIX



Magno Francisco de Jesus Santos

Doutorando em História
Universidade Federal Fluminense

Resumo:

As práticas penitenciais constituem um dos principais elementos do mosaico católico. As tentativas de purgar os pecados e salvar as almas sofredoras por meio dos sacrifícios é uma das principais características disseminadas no âmbito da religiosidade popular. Este estudo se debruça sobre um dos primeiros registros sobre a encomendação das almas em Sergipe, realizado por Tobias Barreto de Menezes na segunda metade do século XIX, e tem como propósito compreender a prática da encomendação das almas a partir da narrativa crítica desse autor. O foco central consiste em discutir como os sentidos, os atributos sensoriais e os sentimentos emergem na escrita de Tobias Barreto associadas à manifestação.

Palavras-chave:

Sergipe — História — Século XIX
Barreto, Tobias, 1839-1889
Flagelantes

Prelúdio

1884. Os aracajuanos viviam os primeiros dias do ano e ainda comentavam a pompa da Procissão de Bom Jesus dos Navegantes e a grande participação popular dos devotos na referida festa, considerada o principal evento religioso da nova capital de Sergipe. Os jornais noticiavam a devoção, a presença dos pagadores de promessa, os moradores da cidade vestidos de branco celebrando a entrada em um novo ano. Na semana em que a imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes era transportada de volta a sua ermida, no alto da Colina do Santo Antônio, as manchetes a respeito da religiosidade católica sergipana compartilharam espaço com um texto agressivo e marcadamente irônico. Era mais um artigo do maior nome da intelectualidade sergipana, Tobias Barreto.

O jurista sergipano usava das páginas do Jornal de Sergipe para discutir as práticas religiosas de outrora que havia testemunhado em sua infância, na então vila de Campos, situada às margens do Rio Real, no alto sertão da província de Sergipe. O momento da publicação do seu artigo era oportuno. Na capital, ainda se comemorava com práticas penitenciais a festa de seu orago mais popular, a imagem do Cristo crucificado do Bom Jesus dos Navegantes. No interior da província, os frades capuchinhos realizavam as santas missões em diferentes cidades, vilas e povoações, disseminando a busca pelo perdão e combate aos pecados.¹ É possível que o impacto da leitura do artigo publicado por Tobias Barreto tenha sido conflituoso, tendo em vista que o autor criticou o caráter penitencial do catolicismo, descrevendo o ritual de encomendação das almas do qual ele tinha sido uma testemunha ocular. Sacrifícios, sangue, autoflagelo e cânticos arrepiantes eram apresentados à sociedade sergipana de fim de século.

O assombro da narrativa deve ter repercutido nas conversas da intelectualidade daquela época, mas, com o tempo, ela caiu no esquecimento, diante da magnitude de outros focos do autor em questão. Os gemidos dos penitentes de Campos registrados por Tobias Barreto foram aos poucos perdendo eco, sendo sufocados pelas demais temáticas debatidas por ele. Nem mesmo a reedição de suas obras completas realizada em 1926 conseguiu suscitar novos embates acerca da questão da religiosidade

1 Francesco Pecorari, "As missões populares dos capuchinhos nos sertões baianos nos fins do século XIX", *Cadernos UFS História*, 4, 5 (2003), p. 57.

popular. Tudo fazia crer que o texto tratasse de um tema menor no âmbito de sua investigação científica.

O enfoque de Tobias Barreto só voltaria em cena na década de 1980, exatamente cem anos após a publicação do ensaio original. A redescoberta ocorreu por conta do livro de Jackson da Silva Lima, que reuniu os textos que abordavam sobre temas culturais em Sergipe.² Mesmo assim, o texto permaneceu ausente dos debates sobre o tema da penitência, que a partir da década de 1990 passou a ser foco de análise de alguns pesquisadores com o aspecto histórico.³ Por esse motivo, torna-se eminente a necessidade de tentar compreender o grupo formado por homens e mulheres que, em pleno século XIX, saía pelas ruas da vila de Campos em atos sacrificiais em prol das almas do purgatório, às vistas de seu conterrâneo Tobias Barreto.

Neste sentido, o olhar do intelectual da vila de Campos consiste em relevante registro para a compreensão das práticas religiosas populares no sertão do oitocentos. A relevância desse olhar se torna mais importante se observarmos que o autor registrou tipos de devoção que foram ocultados até mesmo pelo corpo eclesiástico da freguesia. No livro de tombo da Freguesia Nossa Senhor Imperatriz dos Campos do Rio Real há menções às solenidades da Semana Santa, mas nada dizem a respeito das procissões de preces e da presença dos flagelantes em seus cortejos. Isso se torna um indício relevante de que tais práticas fossem associadas aos grupos populares, aos anônimos da história oficial, que acabaram ocultados na pena do pároco.

A narrativa crítica de Tobias Barreto é de suma importância, tanto pela raridade, pois constitui um dos poucos registros a respeito dos penitentes em Sergipe no século XIX, como também pela riqueza dos detalhes. Mesmo mantendo sua postura crítica, e talvez por esse mesmo motivo, a testemunha ocular detalhou os atos dos penitentes de forma minuciosa, na tentativa de evidenciar a barbárie do que tinha presenciado.

2 Trata-se de uma lista de cunho exaustivo sobre a produção cultural em Sergipe, na qual o autor buscou referências tanto em livros e periódicos acadêmicos, como também na imprensa sergipana. Cf. Jackson da Silva Lima, *Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe*, Aracaju, Governo de Sergipe, 1984.

3 Na última década do século XX emergiu uma relevante produção monográfica sobre os grupos de penitentes em Sergipe, tendo como destaque: Antônio Alves do Amaral, "Penitentes: devoção e autoflagelo", *Revista de Aracaju*, 60, 10 (2003), p. 185-191 e Ilma Maria Figueiredo Menezes, *A diversidade de grupos de penitentes no município de Feira Nova (1955-1990)*, Monografia (Licenciatura em História), Universidade Federal de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, 2002.

É importante frisar que a temática religiosa foi privilegiada em suas discussões, pois na década anterior à publicação o autor já enfrentava “a pena enfurecida de Pedro Autran da Mata Albuquerque, do jornal *O Católico*, polemizando sobre questões religiosas”.⁴

É nesta perspectiva que o homem sergipano comum do século XIX entra em cena. O espetáculo manchado de sangue tem como atores principais os anônimos, homens e mulheres simples do semiárido que saiam de seus casebres para expressar as suas dores em público. Várias perspectivas estão presentes na curta assertiva de Tobias Barreto: o ritmo, a melancolia, os gemidos, os espectadores, os atores, os cenários. Enfim, um drama. Era uma tragédia que se desenrolava pelas precárias ruas de Campos, sob a vistosa proteção da matriz Nossa Senhora Imperatriz. O enredo era conhecido da população, mas mesmo assim causava as mais impressionantes sensações. As cortinas se abriam para o espetáculo da Paixão.

Nesse escopo, o objetivo desta reflexão é compreender a prática da encomendação das almas na vila de Campos no século XIX a partir da narrativa crítica de Tobias Barreto. Trata-se da análise de conteúdo dos elementos presentes no ensaio publicado originalmente no *Jornal de Sergipe*, no dia 30 de janeiro de 1884. Nesta discussão o foco central é o entendimento de condicionantes sensoriais como a visão, o toque e a audição na forma de apreender a realidade observada, ou seja, concentra-se nos condicionantes sensoriais da apreensão de Tobias Barreto. O homem registra seus atos e impressões causadas pelo mundo que o cerca a partir de seus sentimentos e de sua sensibilidade sensorial. Certamente as fontes históricas possuem uma intencionalidade, constituem documentos-monumentos, mas trazem em si uma carga simbólica imprescindível: afeto, ódio, desprezo, negligência, rancor, inveja, amor.⁵ O aspecto sentimental dos depoimentos históricos não pode ser esquecido.

A contextura histórica é permeada pela carga sensorial. É o mesmo motivo que faz com que a sociedade busque lembrar ou esquecer

4 Luiz Antônio Barreto, “Tobias Barreto: uma bio-bibliografia”, In: *Tobias Barreto (1839-1889)*, Salvador, CDPB, 1989, p. 4.

5 Refiro-me a monumento-documento na perspectiva anunciada por Jacques Le Goff, que tenta desmistificar as fontes históricas em seu aspecto de registro intacto do passado, ou seja, os registros históricos devem ser vistos de forma problematizada, como indícios marcados por intencionalidades. Jacques Le Goff, *História e memória*, 2. ed., Campinas, Unicamp, 1996.

algo. A dialética da lembrança-esquecimento permeia a conflituosa luta pela memória. Foi neste embate que entraram em cena os simples flagelados às margens do Rio Real, anônimos, pobres, excluídos, marginalizados, mas expressando suas dores nas altas madrugadas do sertão inóspito. Tentar apreender as expressões culturais de um grupo anônimo e excluído socialmente constitui uma tentativa de realizar uma leitura da sociedade vista por baixo.⁶

Um testemunho das dores do sertão

O depoimento de Tobias Barreto acerca da encomendação das almas na sua terra natal constitui um documento de rara importância. Provavelmente seja esse o primeiro registro de tal prática em terras sergipanas e um dos poucos que a abordam no século XIX. O autor perscrutou por uma seara que poucos divagavam. Registrar as “curiosas” práticas religiosas do Brasil era uma atribuição quase exclusiva dos viajantes e dos memorialistas. Tobias Barreto foi uma das raras exceções.⁷

O seu testemunho foi publicado no dia 30 de janeiro de 1884, nos últimos anos de sua vida. Todavia, o episódio drasticamente narrado não trata desse período. O depoimento tobiático reflete um intelectual maduro analisando os fatos presentes em sua memória do tempo de infância. A encomendação das almas descrita pelo autor deve ter ocorrido ainda na primeira metade do século XIX, o que torna ainda mais raro o registro. O próprio deixa sinais que confirmam tal hipótese, ao relatar que “eu não sou dos mais velhos, ainda alcancei tempo em que as coroas de espinhos e as

6 Nesse caso, a proposta não consiste em estudar “os de baixo” negligenciando “os de cima”, mas sim, de tentar entender como os segmentos populares expressaram suas angústias e suas práticas religiosas, recriando modos de fazer em contraponto com a religiosidade oficial e clerical. Isso não significa que esses atores históricos não fizessem parte das práticas religiosas ortodoxas. Pelo contrário, a narrativa de Tobias Barreto evidencia que as práticas populares eram um complemento das atividades realizadas na matriz da vila de Campos. Sobre a História vista de baixo ver Eric Hobsbawm, “A História de baixo para cima”, in: *Sobre História: ensaios*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 216-231.

7 No mesmo período em que Tobias Barreto publicou o artigo sobre os penitentes no periódico sergipano, Mello Moraes Filho, importante folclorista do final do século XIX, apresentou uma descrição da encomendação das almas bem semelhante à descrição realizada por Barreto. Possivelmente deve haver alguma relação entre os dois textos, pois os dois autores eram próximos, dialogavam constantemente. Como Mello Moraes Filho publicou a primeira edição de seu texto em 1901, é lícito conjecturarmos que os dois intelectuais tenham assistido ao evento na vila de Campos no último quartel do século XIX. Alexandre José Mello Moraes Filho, *Festas e tradições populares no Brasil*, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Itatiaia, 1999.

disciplinas de aço representavam um papel saliente no processo da salvação”.⁸

Por esse ângulo percebe-se que o referido depoimento evidencia um pesquisador maduro rememorando sua juventude. Trata-se de um diálogo entre dois períodos diferenciados, no qual o passado é transportado para o presente, filtrado pelas novas concepções do intelectual. Assim, é importante salientar que o jovem observador da vila de Campos não era mais o mesmo. O homem que registrou suas lembranças fortuitas era um intelectual de renome nacional, considerado um dos principais representantes da chamada Escola de Recife.⁹ O registro não representa o jovem curioso observador, mas o olhar do crítico intelectual em sua maturidade. Nesse sentido, a narrativa reflete a confluência de dois períodos distintos.

Percebe-se assim o jogo mnemônico presente no depoimento acerca da encomendação das almas e das procissões de preces. Presente, passado e futuro convergem na escrita do ensaísta. As lembranças do jovem de Campos divagavam na memória do intelectual, que as filtrava e registrava com uma nova leitura a partir de sua utensilagem mental. Mas essa memória anotada tinha um propósito específico: registrar para o futuro algo que estava prestes a desaparecer ou, ao menos na visão do intelectual, deveria desaparecer.

O autor apresentou indícios de que tais práticas estavam em processo de transformação lento e gradual, ao apontar que: “felizmente o tempo que tudo atenua, tem também atenuado o caráter lúgubre e horripilante do cristianismo, respectivé, do catolicismo; o que talvez se possa explicar pelas maiores proporções que há tomado o momento cômico do sacerdócio na religião do calvário”.¹⁰ Como se pode perceber, o próprio autor já demonstrava que ocorriam algumas mudanças no foco das celebrações religiosas no fim do século XIX. Eram novos tempos, provavelmente influenciados pela reforma ultramontana que tentava reduzir o papel dos leigos na condução das práticas religiosas e as práticas externas de demonstração de fé.

8 Tobias Barreto de Menezes, “Penitentes. Encomendação das almas”, *Jornal de Sergipe*, 30/01/1884.

9 A chamada Escola do Recife teve inúmeros intelectuais sergipanos entre os principais expoentes, entre os quais se destacaram o próprio Tobias Barreto, Sílvio Romero e Fausto Cardoso. Ver Jorge Carvalho do Nascimento, *A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX*, Londrina, UEL, 1999.

10 Menezes, “Penitentes”.

O grande legado de Tobias Barreto foi em dois sentidos: um, o da sua obra crítica, aberta, roteirizando a atualização do pensamento brasileiro; outro, o dos seus seguidores, que continuaram levando o Brasil a afirmar uma cultura transformadora, própria e ao alcance dos brasileiros. Tobias foi, antes de tudo, um escritor de jornais, um colaborador frequente, ágil, que sabia da velocidade da imprensa como vanguarda das novidades transformadoras. Estão nos jornais recifenses ideias e nomes dos grandes pensadores do tempo, de Tobias, muitos dos quais ainda hoje são rigorosamente atuais e merecem citação. Estão nos jornais de Escada os grandes temas e os assuntos da vida cotidiana do município, na síntese de uma participação política notável, de teórico da organização social.¹¹

Mesmo percebendo as mudanças que vinham ocorrendo, o autor não se ilude com o total desaparecimento dos atos de encomendação das almas. O seu desejo de extirpar as práticas supersticiosas estaria longe de se concretizar. Por esse motivo ele afirmou ainda um tanto transtornado que “Não se julgue, porém, que já hoje nos falte de toda a ocasião de observar cenas de tal natureza”.¹² Seus anseios de mudança radical estavam longe de serem realizados, pois, mesmo evidenciando a redução das referidas práticas, ele alegava a possibilidade de ainda poder ser observada tantos anos depois.¹³

A narrativa tobiática é permeada de elementos que denotavam o seu repúdio ao caráter sacrificial do catolicismo. Em diferentes momentos o autor expressa o seu desconforto em vivenciar a permanência de aspectos supersticiosos inerentes ao medo do pecado. Para Tobias Barreto, o cristianismo “era uma religião de delinquentes”.¹⁴ Ele critica contundentemente as transformações ocorridas na religião cristã, o que teria afastado-a dos princípios do fundador, tornando-a triste e sombria. Um dos

11 Barreto, “Tobias Barreto”, p. 6.

12 Menezes, “Penitentes”.

13 No momento em que o texto foi publicado, a Igreja católica no Brasil passava por uma série de transformações, principalmente com o processo de romanização, que tentava renovar o leque devocional católico e reduzir a influência dos leigos no campo religioso. Com isso, muitas práticas consideradas fruto das religiões pagãs foram eliminadas das celebrações religiosas. Mesmo assim, rituais como o da encomendação das almas, descritas pelo poeta romântico, não desapareceram por completo como o texto aparenta demonstrar. Prova disso é a permanência dessas tradições em diferentes municípios sergipanos, assim como das práticas ex-votivas marcadas pela exposição pública dos devotos em romarias que acontecem em cidades como São Cristóvão. Sobre tais práticas pode ser consultado o artigo Magno Francisco de Jesus Santos e Verônica Maria Menezes Nunes, “Na trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão-Se”, *Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão*, 2 (2005), p. 97-110.

14 Menezes, “Penitentes”.

aspectos mais criticados pelo autor é a influência de Paulo de Tarso, visto como principal responsável pelo desvirtuamento cristão. Isso teria se dado porque:

Ao lado da ideia de justiça, a ideia de pecado forma a base da Teologia paulínica; donde proveio essa tão falada e terrível antinomia entre o espírito e a carne, que faz de todo o crente sincero um ente lastimável, sempre em luta com a consciência, tendo sempre diante dos olhos o fantasma dos seus pecados.¹⁵

Dessa forma, a religião cristã teria se tornado uma religião de pecadores. Essa sua convicção, somada às lembranças de sua juventude, fortalecia a sua argumentação à medida que expressava o seu repúdio às práticas sacrificiais. A sua posição diante da ideia de pecado do cristianismo foi explicitada em diversos momentos no ensaio, com frases impactantes como “é uma coisa hedionda a religião assim compreendida”, ou com termos como “tenebrosos espetáculos”, “idiotas religiosos”, “quadro repugnante”. Foi tentando comprovar os supostos espetáculos de sandice humana que Tobias Barreto se referiu à encomendação das almas de sua terra natal, guardada na memória de sua infância. Ele buscou registrar a manifestação em seus mínimos detalhes, talvez com o intuito de ridicularizar, mas que resultou num valioso registro acerca da prática.

O olhar crítico do observador fez com que registrasse detalhes que certamente passariam despercebidos dos curiosos comuns. É evidente que as críticas anotadas pelo jurista sergipano não tinham como alvo exclusivamente os segmentos populares observados por ele. O intuito era desconstruir a ação do catolicismo, fosse ele dentro dos ditames da ortodoxia ou de procedência popular. É provável que ele tenha escolhido os segmentos anônimos da sociedade para expor uma prática que não fosse tão comum nos grandes centros.

Foi neste sentido que Tobias Barreto de Menezes eternizou os suspiros de um grupo de anônimos, com túnicas alvas. Eram homens e mulheres vagando pelas noites sertanejas, sob o brilho do luar refletido em suas brancas roupas tingidas pelo sangue do sacrifício. Pessoas sem rosto expressavam os seus sofrimentos nas noites quaresmais. O sofrimento do

15 Menezes, “Penitentes”.

pobre sertanejo ecoava noite adentro, incomodando crianças, velhos, autoridades e intelectuais.

Um espetáculo de sons e sombras

As práticas sacrificiais da vila de Campos foram percebidas por Tobias Barreto de formas diferenciadas, de acordo com o horário e a localização do jovem observador. Sua apreensão se deu de modo variado, evidenciando os múltiplos sentidos na vivência de um episódio. Ver, sentir e ouvir foram a tônica perceptiva do ensaísta de Campos.¹⁶ Cada ocasião deixou suas marcas na lembrança do jovem por vias distintas.

Outro ponto de destaque na narrativa é a teatralidade. Diferentes elementos teatrais emergem em sua escrita, talvez na tentativa de evidenciar as impactantes apresentações dos penitentes, dando vivacidade aos seus personagens anônimos. Percebem-se na escrita do autor elementos como ritmo, cenário, personagens e enredo. Tudo posto para representar o que seria, a seus olhos, o espetáculo do terror. Um ingrediente que se soma ao enredo é o suspense, tentando prender a atenção do leitor.

Na tessitura tobiática, devotos, curiosos e penitentes entravam em cena, descortinando um espetáculo típico da Sexta-Feira da Paixão. Aos poucos o foco da narrativa vai sendo deslocado, fazendo com que ao invés da procissão oficial aparecessem apenas os flagelantes em seus atos penitenciais; os anônimos envoltos em suas saias femininas roubavam a cena no espetáculo da Sexta-Feira Maior. No momento em que os devotos ortodoxos ganhavam as ruas de Campos, os flagelantes saíam dos bastidores prendendo o olhar de todos.

O cenário da narrativa era bucólico. Ruas sem pavimentação, a matriz defronte para o Rio Real, amplas sombras de árvores. O olhar do jovem Tobias Barreto parecia vislumbrar-se diante da amplitude do largo da matriz de Nossa Senhora Imperatriz dos Campos. Assim rememora o intelectual no fim de sua vida: “A terra, donde sou filho, demora em uma

16 É importante perceber que na época em que Tobias Barreto publicou o artigo havia inúmeras polêmicas envolvendo o seu nome e o clero, que resultaram numa “polêmica forte, traumática, na qual Tobias desanca a igreja e a sua administração, ao tempo em que recebe todas as críticas e insultos, pessoais e intelectuais”. Barreto, “Tobias Barreto”, p. 5.

planície. As vistas que se lançam da porta do templo vão quebrar-se nas moitas sombrias que bordam as margens de um rio”.¹⁷

A terra a qual ele se refere é a vila de Nossa Senhora Imperatriz dos Campos do Rio Real (atual cidade de Tobias Barreto).¹⁸ Por se localizar em uma planície às margens do rio Real, da matriz era possível ter uma visão panorâmica de toda a praça e, provavelmente, da maior parte da vila. Esse foi o cenário no qual Tobias Barreto observou o espetáculo sonoro e visual das disciplinas quaresmais, dos flagelantes do rio Real. A apresentação descrita pelo autor se dava em dois momentos: o dia e a noite.

Tudo tinha início na tarde da Sexta-Feira Santa. Era o primeiro ato. O dia dedicado à penitência, oração e sacrifícios era levado ao extremo pelos populares de Campos. Missas, vias-sacras e procissões faziam parte da liturgia oficial da matriz, mas não era o suficiente para o devoto sedento de bênçãos. Desprezados socialmente, os segmentos populares buscavam aproximar-se o máximo possível do sagrado, incorporando as dores do Cristo Sofredor. Trazer as máculas da Paixão para o próprio corpo era uma forma concreta de aproximação da divindade. No universo teológico popular o Deus teria se humanizado pelo sofrimento, criando uma condição para que o homem encontrasse a divindade pelo mesmo caminho. A dor unia o imortal aos mortais, o salvador dos pecadores, o Paraíso celeste do inferno terreno.

No calendário católico, a Sexta-Feira da Paixão era o dia mais relevante, pois nesse dia a aglomeração de fiéis nas igrejas ao longo do século XIX era algo impressionante.¹⁹ Na vistosa vila de Campos não era diferente. Os fiéis lotavam as dependências da austera matriz ao longo do dia, principalmente na ocasião das principais celebrações. Naquele dia todos os caminhos pareciam convergir à matriz. O próprio Tobias Barreto não deixa de registrar a concorrência das celebrações católicas, afirmando que “estávamos numa sexta-feira da quaresma, a multidão de devotos não cabia na igreja”.²⁰ À tarde de Sexta-Feira Santa os devotos se aglomeram no templo maior da vila. A expectativa era pela procissão que percorria as principais

17 Menezes, “Penitentes”.

18 Sobre a vila de Campos podem ser consultados Maria Thetis Nunes, *Sergipe Colonial II*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996 e Felisbelo Freire, *História de Sergipe*, Petrópolis, Vozes, 1977.

19 Jean Duvignaud, *Festas e civilizações*, Fortaleza, UFC, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

20 Menezes, “Penitentes”.

ruas da localidade, que o ensaísta não especifica. Todavia, pelo dia e horário da celebração, pode-se deduzir que seja a procissão do enterro, também conhecida como procissão do Senhor Morto. A saída desse cortejo é detalhada em seu relato, sem aparecer qualquer indício de prática sacrificial. Ele afirma que “a procissão saía, levando na frente a cruz e a matraca”.²¹

Percebe-se que o cortejo descrito é consideravelmente simples, para os padrões da época. Mas, deve-se lembrar de que se tratava de uma celebração que rememorava os últimos sofrimentos de Cristo. Daí a relevância dos dois elementos simbólicos presentes na ocasião: a cruz e a matraca. A cruz, dialeticamente símbolo do sofrimento e da redenção, era o que abria o cortejo, ou seja, os devotos buscavam seguir os passos do crucificado, para da mesma forma alcançar a salvação. O outro elemento, a matraca, era um dos principais ícones da quaresma. No tempo em que os sinos silenciavam em respeito ao sofrimento de Jesus, a matraca anunciava a passagem do sagrado cortejo, da mesma forma que avisava a todos do sofrimento e morte do Salvador.

Tobias Barreto denominou essa celebração de procissão de preces, em decorrência de seu caráter lúgubre. Todavia, o maior espetáculo da procissão não estava dentro da igreja ou nos primeiros momentos do cortejo: era justamente a ocasião em que apareciam os personagens mais ilustrativos do caráter sacrificial. Eram flagelantes que cumpriam ritual de purificação em suas casas e saíam vagando pelas ruas buscando a remissão de seus pecados. O poeta da vila de Campos apresenta algumas sinalizações da preparação desse ritual de autoflagelo, ao relatar que “Era a mesma época, na qual predominava em ambos os sexos, o costume selvagem de, só excetuando o cabelo da cabeça, carpinar o corpo inteiro, e então o pedaço de navalha, que não se prestava a esse último serviço, passava a fazer parte dos instrumentos de penitência”.²² Um indício instigante e revelador. Preparar-se para o ato público penitencial exigia sacrifícios inimagináveis. No imaginário religioso da época era preciso tentar apagar os sinais de pompa, luxo e prazer. Era necessário sufocar temporariamente o próprio ego, apagar-se diante do sofrimento do sagrado, ou seja, era uma tentativa de recriar um cosmo condizente com os suplícios da Paixão, austero, doloroso, triste e, por

21 Menezes, “Penitentes”.

22 Menezes, “Penitentes”.

que não, degradante. Só assim poderia ter início o espetáculo da dor e do martírio. Observe a descrição de Tobias Barreto:

À medida, porém, que a linha do povo se ia distendendo e tomando jeitos de serpe, começavam a surgir dos esconderijos da beira do rio uns vultos brancos mal distintos ao princípio, mas logo depois bem visíveis. Eram centenas de idiotas religiosos, imoralmente envoltos em alvas saias femininas, com rostos cobertos e as costas nuas, sobre as quais vibravam as disciplinas, à esquerda e à direita no mesmo ritmo que os cavalos açoitam com as caudas incômodas mutucas.²³

Com a inclusão desses novos atores, tinha-se em cena a impressionante procissão de penitências na vila de Campos. As práticas ortodoxas e populares se conglomeravam no mesmo cortejo processional. Cruzes, matracas, imagens, padres, beatas, curiosos e flagelantes desfilavam silenciosamente por Campos, evidenciando as diferentes facetas do catolicismo imperial. Neste cenário heterogêneo, o destaque ficava por conta das práticas de autoflagelo. Homens e mulheres, com o dorso curvado, costas nuas, fustigando a própria dor na expectativa de expiar seus pecados. O ideal de penitência era levado ao extremo por esse grupo de fiéis, dilacerando corpos, derramando o sangue, silenciando suas dores.

Um dos propósitos do autoflagelo era sacrificar a carne, símbolo do pecado e das tentações mundanas, para poder, enfim, livrar a alma de suas culpas. Neste sentido, a decadência do corpo, sufragado pelas chagas e pelo sangue jorrado, correspondia diretamente à elevação da alma, expiada dos pecados pelos sacrifícios. O binômio carne-espírito atingia o seu clímax, ao passo que um era purificado com o detrimento do outro.

Um ponto essencial da procissão de penitência descrita por Tobias Barreto foi o aspecto inerente à narrativa romântica em que predominava os elementos da estética barroca das procissões. Personagens e atores se misturavam de tal forma em meio ao cortejo que se tornava praticamente impossível saber onde começava um e terminava o outro. Na dolorosa trama barroca, em pleno século XIX, não existia ficção, nem realidade, tudo era encenação desenrolada dentro de um plantel cultural.²⁴ Assim, os segmentos populares que seguiam as procissões da vila de Campos evidenciavam as

23 Menezes, "Penitentes".

24 Maria Helena Occhi Flexor, "Procissões na Bahia: teatro barroco a céu aberto", in: Congresso Internacional Barroco (2.: 2001: Porto), [Anais], Porto, UP, 2001, p. 521-534.

configurações intelectuais múltiplas pelas quais os diferentes grupos sociais, contraditoriamente, construíam sobre suas realidades sociais. Nesse caso, as representações coletivas podem ser vistas como as “matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social”,²⁵ pois as mesmas só têm existência na medida em que comandam atos.²⁶ A dor era o ícone maior das representações do préstito. Dores do Cristo agonizante, dos penitentes flagelantes, dos sertanejos flagelados pela miséria. No silêncio do fim de tarde de Campos as dores do povo pobre e amargurado ecoavam em cenas drásticas, por meio de violentos açoitados de lâminas maculadas pela ferrugem. Formava-se uma procissão de imagens, de santos e homens transfigurados pelo sofrimento.²⁷

As dores do cotidiano somadas às dores das práticas penitenciais faziam com que os flagelantes de Campos ficassem desfigurados. Eram maltrapilhos ensanguentados tentando chamar a atenção do sagrado para atender suas súplicas. Em meio a esse turbilhão efervescente da Sexta-Feira Maior, recriava-se, no universo imaginativo dos homens religiosos, o tempo mítico da Paixão. Naquela ocasião, as ruas da incipiente vila de Campos eram simbolicamente transformadas na Via Crucis, na Jerusalém bíblica. Ocorria, então, uma complexa e conflituosa simbiose de tempos e cenas, na qual passado e presente se uniam por meio da frágil linha recriada pela prática sacrificial. Por outro lado, no mesmo compasso que as dores de Cristo interpretadas como sendo originárias dos pecados humanos teriam livrado a humanidade do martírio, as práticas penitenciais faziam com que amenizasse o sentimento de culpa, pois o penitente compartilhava das dores do Cristo Sofredor e os aproximava do ideal divino. O sangue derramado mais uma vez aproximava os pecadores arrependidos do Deus salvador.²⁸

Era com a dramática procissão de penitências, semeando gotas de sangue pelo chão, que recriava no plano simbólico a Jerusalém dos tempos bíblicos. O tempo mítico era recriado pelo rito, ou seja, os devotos deslocavam-se para outra dimensão, para os dolorosos tempos da Paixão. Por essa perspectiva, ocorria uma ruptura temporal, o homem religioso entrava

25 Roger Chartier, “O mundo como representação”, *Estudos avançados*, 11, 5 (1991), p. 18.

26 Chartier, *A História Cultural: entre práticas e representações*, Lisboa, Difel, 1990.

27 As celebrações da Semana Santa têm sido um tema consideravelmente discutido no âmbito acadêmico brasileiro. Entre os principais estudos podem ser destacados José Carlos Pereira, *A eficácia simbólica do sacrifício: estudo de uma devoção popular do catolicismo*, 2. ed., Porto Alegre, Zouk, 2005 e José Carlos Pereira, *O encantamento da Sexta-Feira Santa: manifestações do catolicismo no folclore brasileiro*, São Paulo, Annablume, 2005.

28 Cf. Francisco García Bazán, *Aspectos incommuns do sagrado*, São Paulo, Paulus, 2002.

no tempo sagrado.²⁹ Neste sentido, pode-se deduzir que a sacralização diante do ritual era dupla, pois espaço e tempo eram convertidos para o mito original, a Jerusalém dos tempos de Jesus.

Os sinais dessa sacralidade eram deixados ao longo do trajeto processional. Eram as pegadas dos fiéis descalços, as manchas de sangue dissipadas na areia que afirmavam sobre a passagem do sagrado manifestado. Por alguns instantes aquelas ruas tinham sido transformadas no umbigo do mundo, no centro das atenções dos católicos do sertão do Rio Real.³⁰ Mas aqueles eram apenas frágeis sinais de rápida comunicação do portal simbólico que por instantes unia períodos e lugares diferentes.

Um espetáculo à luz do dia, passível da contemplação de todo o público presente. Lágrimas, sacrifício, martírios, preces em meio à multidão de fiéis que se deslocava lentamente pelas ruas de Campos. A procissão se espalhava e mostrava suas múltiplas mazelas. Era uma síntese da diversidade cultural que se vivia naquela distante localidade. Práticas ortodoxas eram permeadas de rituais heterodoxos, padres perdiam a atenção para flagelantes, a paixão representada pelo Senhor Morto era desviada pelos sacrifícios dos devotos. Isso configurava um verdadeiro turbilhão cultural, no qual o popular e o oficial se abraçavam em pleno cortejo.

Ao passo que o ritual oficial ganhava as ruas da localidade, ele ia sendo penetrado pelas práticas mais disseminadas do leque devocionário popular, como os penitentes e flagelantes. Todavia, isso não significa dizer que as práticas penitenciais tenham sido exclusivas dos grupos marginalizados. A historiografia evidencia que o ascetismo era uma prática recorrente nas hagiografias medievais. Além disso, a maior parte dessas narrativas sobre a vida e martírio de santos se referia a pessoas de origem nobre.³¹ No caso da vila de Campos da província de Sergipe, ocorria o reencontro de práticas aparentemente distintas, mas que faziam parte de um universo cultural compartilhado.³²

29 Mircea Eliade, *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

30 Menezes, "Penitentes".

31 Rodney Stark, "Upper class asceticism: social origins of ascetic movements and medieval saints", *Review of Religious Research*, 45, 1 (2003), p. 5-19.

32 Peter Burke, *A cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

As cenas sóbrias do catolicismo oficial eram enriquecidas com episódios drásticos, com o exagero cenográfico do povo. A procissão se tornava um grande teatro a céu aberto, no qual as dores da Paixão de Cristo eram vivenciadas com afinco. Aqueles flagelantes do sertão de Campos não eram mais os anônimos marginalizados trabalhadores do campo: naquele instante eles eram os pequenos seguidores de Cristo na Jerusalém da Paixão. Era a confluência de personagens.

Além disso, percebe-se na narrativa de Tobias Barreto uma apoteose dos sentidos, um verdadeiro espetáculo sensitivo no qual os mais variados recursos foram utilizados. Os “calmos e tenebrosos espetáculos de sandice humana” foram captados pelo olhar, ouvido, fala, cheiro e tato. Todos esses recursos foram usados na tentativa de recriar de forma mais próxima possível a cena observada. O intuito tobiático era promover no leitor o repúdio a tais práticas. É por esse motivo que a densidade sensitiva era fortalecida nos instantes em que descrevia os sacrifícios. Dessa forma, o autor em questão buscou compartilhar com o leitor o repúdio às manifestações que tinha presenciado em sua juventude, ora ridicularizando-as, ora descrevendo-as de forma minuciosa para pintar um quadro próximo das imagens presentes em suas lembranças.³³

O sentido perceptivo que predomina na descrição da procissão de preces é o olhar. O observador na tenra idade ficou impactado com as cenas que desfilavam em sua frente. Pessoas com faces ocultadas, vestidas em saias brancas, com as costas desnudas e ensanguentadas, nodoadas de chagas abertas pelos açoites constantes de velhas lâminas. Foram impressionantes para jovens olhares, que resultou em uma incômoda lembrança do maduro intelectual. Pode-se observar que a percepção do olhar do observador foi registrada passo a passo, indo da indefinição causada pelas sombras e distância, até a perfeita contemplação do derramamento de sangue. Termos como “as vistam que se lançam”, “vultos brancos”, “mal distintos ao princípio”, “bem visíveis” denotavam os diferentes momentos da procissão de

33 A tentativa de ridicularizar as manifestações próprias da cultura popular não era exclusiva de Tobias Barreto de Menezes. Ao que tudo indica, entre o final do século XIX e início do século XX houve um movimento entre os intelectuais brasileiros para eliminar as manifestações da cultura popular, substituindo-as por práticas culturais tidas como “civilizadas”. Isso aparece de forma evidente em estudos sobre a cultura popular realizadas por pesquisadoras como Rachel Soihet e Maria Clementina Pereira Cunha. Cf. Maria Clementina Pereira Cunha, *Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001; e Rachel Soihet, “Festa da Penha: resistência e interpenetração cultural (1890-1920)”, in: Cunha, *Carnavais e outras f(r)estas*, Campinas, Unicamp, 2002, p. 341-370.

preces e o lugar do observador. O observador que acompanhava a procissão de preces pertencia à prática ortodoxa do ritual e só começou a enxergar as cenas penitenciais a partir do momento em que elas adentraram no cortejo processional. Esse é outro motivo do registro: o estranhamento. Por estar inserido no ritual católico oficial, o jovem olhar de Tobias Barreto perturbou-se diante de novas cenas como as dos flagelantes. Assim, somente ao sair de seus esconderijos, de seus pobres lares é que os flagelantes puderam ser visualizados pelo insipiente narrador. Aquela corriqueira cena, pouco valorizada no momento em termos científicos, ficaria perpetuada a partir da escrita do crítico voraz pertencente ao romantismo brasileiro.³⁴

Outra questão pertinente ao enredo tobiático é o ritmo. Sua narrativa representa sistematicamente a cadência presente no espetáculo. Os detalhes da descrição permitem visualizar o ritmo em que se dava a penitência. Os açoites com velhas lâminas tinham um cadência própria, seguindo o ritmo dos passos da procissão, nodoando o tecido processional. Assim, Menezes descreve que sobre as costas nuas “vibravam as disciplinas, à esquerda e à direita, no mesmo ritmo em que os cavalos açoitam com as caudas incômodas mutucas”.³⁵ O olhar do expectador pairava sobre a prática penitencial cadenciada, respeitando os passos lentos da marcha sagrada, derramando o sangue pelo trajeto. Era no cessar da luz natural que o espetáculo ia galgando maior poder de comoção e repúdio. O poder do olhar do observador ia perdendo o foco, mas sua ânsia repulsiva ia aumentando na mesma proporção. Assim descreve com náuseas o autor, ao afirmar que “o sol pendendo para o ocaso e como quem olhando de soslaio para aquele quadro repugnante, dava ao sangue que já escorria do dorso dos míseros e nodoava-lhes as roupas uma aparência de negrume, um aspecto asqueroso. Era uma coisa horrorosa, mas era a religião”.³⁶

Para Menezes, a cena vista era tão horrenda que até a natureza reprovava, “olhando-a” de sobressalto, desconfiada. O seu repúdio transpareceu na descrição por meio de frases que demonstravam aspectos como o enjoo. A religiosidade popular manifestada diante de seus olhos juvenis era digna de total reprovação, até mesmo da simbologia natural. Além

34 Podemos considerá-lo um romântico da terceira geração, em que prevaleciam as preocupações com as questões sociais como a difusão da liberdade e o combate à escravidão. Barreto, “Tobias Barreto”, p. 6.

35 Menezes, “Penitentes”.

36 Menezes, “Penitentes”.

disso, o discurso tobiático aproxima o homem do meio natural, ou seja, os rituais de penitência eram condizentes com o estado de barbárie da humanidade.³⁷

Não obstante, o caráter rude da manifestação de religiosidade presenciada por Tobias Barreto no alvorecer do segundo quartel do século XIX era inexoravelmente harmônico à situação de precariedade e marginalidade dos flagelantes de Campos. Tratava-se da manifestação de espiritualidade de um grupo excluído, alijado das benesses desfrutadas pela elite local. Era justamente no período quaresmal, marcado pelo silêncio e pela dor, que esses excluídos se faziam ouvir e ver, saindo pelas ruas cabisbaixos, com o dorso curvado, dilacerando seus corpos e expondo ao público o seu estado de miséria, resultante em grande parte da ingerência dos governantes e da exploração dos grupos de elite. A apresentação dos flagelantes constituía, neste sentido, um retrato da sociedade daquela época, maculada pela exploração e marginalização social.

Mas o espetáculo dos sentidos não ficava por aí. Havia também outros elementos da religiosidade popular de Campos que foi captada pelos demais sentidos do curioso expectador. Sob a proteção de seu lar, o jovem Tobias ouvia e sentia a passagem dos penitentes pelas ruas de sua terra natal. A tênue escuridão noturna infligida pelo belo luar do sertão não ocultava a circulação dos insistentes religiosos, que perambulavam pelas ruas. Assim Menezes os apresentou: “Não ficava aí. Ao espetáculo da tarde, que falava aos olhos, vinha o espetáculo da noite, especialmente preparado para o ouvido. Falo daquelas plangentes encomendação das almas, feitas a desoras, quando por toda a parte reinava o silêncio e repouso”.³⁸

Desse modo, tinha início o segundo ato da trama: a encomendação das almas circulando pela vila sob o alvo luar. Da penumbra dos fins de beco emergiam os anônimos impactantes, clamando por favores divinos e pela

37 Também é importante perceber que o autor insistentemente tentou aproximar as cenas observadas do catolicismo popular ao universo animalesco. A participação dos segmentos populares era vista como barbárie, ações próprias de selvagens. Por esse motivo a narrativa é fortemente marcada por termos como cavalos, mutucas e serpentes associados aos penitentes, que se apresentavam desnudos. Nesse sentido, a narrativa tobiática se aproxima das descrições que intelectuais cariocas faziam dos festeiros do entrudo, num claro confronto estético entre o civilizado e o selvagem. A procissão com o clero oficial e as imagens da matriz representava a religião domesticada, sob os auspícios da civilização. Os desnudos promesseyros penitentes simbolizavam o atraso intelectual do Brasil. Sobre o carnaval carioca, ver Cunha, *Ecos da folia*.

38 Menezes, “Penitentes”.

libertação das almas sofridas do purgatório. É notório que Tobias Barreto não chegou a ver esse grupo. Vários indícios do texto apontam para tal hipótese. Ele apenas ouviu e arrepiou-se com a melancólica entonação de súplica. Ao contrário da tarde em que predominava o pleno silêncio, no decorrer da noite os tristes lamentos eram expostos no mais alto tom, com melancolias e letras especialmente preparadas para a ocasião. A encomendação das almas foi assim descrita pelo perspicaz ensaísta: “Um grupo de músicos saía a dar a medonha serenata; havia mesmo composições especiais para esse fim”.³⁹ As composições especiais a que ele se refere são os cânticos penitenciais, ladainhas, ofícios e excelências repetidas nas madrugadas sertanejas.

Os participantes da encomendação das almas eram anônimos por completo. O medo, dor, aflição que beiravam o pânico impediam olhares curiosos. A desolação humana pela perda do Deus protetor e sofrimento terreno era contada com toda melancolia possível. Era preciso mostrar de alguma forma a insatisfação, o descontentamento com o estado de pobreza em que estavam submetidos.⁴⁰ Se não fica evidente o impacto causado no público das práticas de autoflagelo na procissão de penitência, na exposição referente à encomendação das almas a recepção dos ouvintes é detalhada por Menezes. Mesmo se tratando de práticas correntes no cotidiano religioso da localidade, o temor dos lamentos lancinantes domava a população em seus leitos. Trancados, trêmulos e desconfiados, os moradores de Campos ouviam paralisados a passagem dos penitentes. As ruas esvaziadas tinham novos donos, que expunham suas dores ao grande público prestes a adormecer. O novo palco da penitência era constituído pela narrativa tobiática, especialmente para os ouvidos amedrontados da população. Sobre as melancólicas composições Tobias Barreto esclareceu:

Não se descreve a impressão recebida, quando a capela noturna começava a encomendação, escrita em fá menor, com umas frases iniciais, que semelhavam soluços, e de repente, por uma transição mal sentida, o violoncelo batia na terça maior, e o baixo dizia silábica e monotonomamente estas palavras de feroz increpação: pe-ca-dor en-du-re-ci-do!!...

39 Menezes, “Penitentes”.

40 Podemos inferir tal situação se observarmos normativas que geralmente eram seguidas por flagelantes brasileiros do século XIX, cuja visão predominante era a do sofrimento terreno (social e econômico) como resultante dos pecados. Cf. Santos, “Entre deuses e demônios: religiosidade e imaginário em Sergipe oitocentista”, *Veredas da História*, III, 1 (2010), p. 1-19.

Sentia-se o inferno. Mais de um velho acordava sobressaltado, e muita criança despertava chorando.⁴¹

Uma melodia impactante que aterrorizava a população. O terror e o medo se espalhavam nos lares da vila de Campos por ocasião do canto de encomendação das almas. A melodia triste, ora semelhante a soluços, ora desafiadora dos pecadores era um recado para as almas do purgatório e para os homens pecadores que ali viviam, tornando-se uma tentativa de salvar a ambos os grupos. Como o próprio autor disse, sentia-se o inferno, pois era necessário evidenciar as dores do eterno sofrimento como instrumento de conversão.

Era preciso de alguma forma comover os corações dos pecadores endurecidos, e a estratégia utilizada era a do medo, seja das penas após a morte, seja dos castigos sobrenaturais. Velhos assustados e crianças chorando compunham o cenário desolador e evidenciavam a recepção da encomendação das almas. Trancar-se em seus lares era a alternativa mais usual e plausível. Os arrepios dos moradores aparentavam ser uma tônica constante no decorrer da apresentação. O medo beirava o pânico.

Os errantes do sertão causavam diferentes sensações nos ouvidos da comunidade local. Para alguns, eram algo sagrado e necessário, para outros, como Tobias Barreto, se tratavam da pura “impressão do terror” e para a maioria, certamente, eram os assombros das madrugadas. Isso propiciava que fosse despertado um mundo paralelo, o rico imaginário do homem simples do sertão sergipano em meados do século XIX. Tobias Barreto também registrou a cosmovisão de seus conterrâneos:

Nem havia meio de respirar-se mais ilustremente, abrindo uma porta ou janela; pois que corria a tradição que quem isto praticava só via um rebanho de ovelhas (eram as almas), e logo após um frade sem cabeça, que dava uma vela de cera para guardar ao curioso observador, o qual, procurando-a de manhã, não a encontrava!!... Sobre quem fosse realmente o frade, a teologia local ainda não estava bem assentada; as opiniões divergiam. Uns afirmavam que o frade não passava de uma alma penada; outros afirmavam que era o diabo disfarçado. Em todo caso, ninguém ousava pôr em dúvida a necessidade de rezar pelos mortos, para aliviá-los das penas, e de rezar por si mesmo, para livrar-se do peso das próprias culpas.⁴²

41 Menezes, “Penitentes”.

42 Menezes, “Penitentes”.

Um depoimento revelador do universo imaginativo do sertanejo sergipano do século dezenove. Tratava-se de uma complexa cosmovisão na qual vivos e mortos compartilhavam do mesmo ambiente, do mesmo convívio. Os errantes do sertão perambulavam por Campos, sendo acompanhados por um grande rebanho de ovelhas, de almas em busca de redenção. Por isso, a necessidade de ocultar o espetáculo noturno dos olhos; por esse mesmo motivo a grande riqueza imaginativa sobre a encomendação das almas. O que ficava proibido aos olhos a imaginação recriava a partir dos ruídos, do cheiro, do medo, dos relances das frestas. As cenas eram reconstituídas a partir da utensilagem mental da população trancafiada em seus lares. Eram nos quartos abafados e escuros, sob a névoa do lampião, que os populares interpretavam os gemidos. Diferentes aspectos do universo religioso do século XIX estão presentes na assertiva anterior, entre elas a ligação entre a vela e as almas. Neste período, a vela constituía um componente de fundamental importância nas celebrações religiosas, principalmente nas que estavam correlacionadas à morte. Queimar velas era um mecanismo de primordial relevância na expiação dos pecados e salvação das almas.⁴³

Contudo, no enredo se destacava um personagem enigmático, responsável pelo diálogo entre o sobrenatural e a humanidade curiosa. Tratava-se do frade que entregou a vela ao expectador. A narrativa sugere que esse frade sem cabeça desempenhasse o papel de pastor, guiando o rebanho de ovelhas maculadas pela vila de Campos. Todavia, deve-se lembrar que não se tratava de um rebanho qualquer, mas sim de ovelhas perdidas, pecadoras. Eram as almas que ainda não tinham conseguido a remissão de seus pecados e passagem para o paraíso e, por esse motivo, perambulavam atormentadas. Sob esta ótica, Tobias Barreto estava correto em referendar a atribuição popular, pois se eram almas de pecadores o pastor deveria ser o demônio, resguardando suas ovelhas da eminente fuga da salvação. Assim, ao longo do cortejo da encomendação das almas, desfilavam lado a lado homens arrependidos, almas de pecadores e demônios. Tudo isso em plena noite de Sexta-Feira da Paixão, ponto máximo da sacralidade dentro do calendário cristão. Mas como o demônio poderia perambular livremente em pleno período sacralizado? Essa é uma questão que para ser respondida se torna necessário mergulhar no imaginário cristão.

43 Cf. João José Reis, *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XX*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

Como já foi exposto, a Sexta-Feira Santa, como o próprio nome já leva a deduzir, representa um período diferenciado para o religioso católico. É o tempo sacralizado no qual o “homo religiosus” é transportado simbolicamente para o tempo bíblico da Paixão, ou seja, ocorre um diálogo entre lugares e épocas distantes e, de forma concomitante, entre o divino e o humano. Esse é um dos fatores que possibilitam no plano imaginário o maior contato do homem religioso com o plano sobrenatural. A vida encontra-se com a morte, o pecado paira diante da salvação e os homens esbarram com Deus, santos e demônios. O portal entre o sagrado e o profano é aberto no tempo sagrado, permitindo o livre trânsito de seres míticos pelos lugares ermos. A frágil linha demarcadora entre a realidade ordinária vivenciada pelos sertanejos e a ordem cósmica extraordinária do Cristo sofredor era rompida, não de modo definitivo, mas de tal modo que aguçava o contato entre os pobres sertanejos e o sobrenatural.

Outra possível dimensão explicativa da presença do diabo no cortejo das almas é a teologia popular. Na cosmovisão do homem católico de Campos, a Sexta-Feira Santa era o momento em que se celebrava o dia em o Deus estava morto. O Cristo encarnado estava no túmulo, desfigurado, aguardando a ressurreição. Neste sentido, para o cristão esse era um dia de dor, aflição, resignação e, acima de tudo, perigo latente. Com o Deus protetor morto as ameaças da perdição eram mais constantes e fortes. O perigo de cair na tentação atormentava o cristão, pois a morte do Salvador permitia a livre circulação de todo o mal. Era, portanto, natural que o diabo rodeasse a vila de Campos, guiando seu pobre rebanho de pecadores e buscando novas ovelhas. Com isso, o mais prudente na noite de Sexta-Feira Santa era resguardar-se, trancafiar-se em seus lares e reforçar as orações. Somente os penitentes, camuflados em suas alvas túnicas, podiam caminhar a passos largos ladeados das almas necessitadas, buscando a redenção.

Tobias Barreto apresenta tanto a procissão de penitências como a encomendação de almas como expressões do catolicismo popular.⁴⁴ Por esse ângulo, estaríamos diante de uma valiosa fonte das manifestações de religiosidade popular da primeira metade do século XIX. Mas não é somente isso. Os dolorosos cantos dos penitentes retratavam mais do que a cultura popular do sertanejo sergipano, mais do que as dores dos marginalizados e

44 Isso pode ser aferido se observamos que o autor informa que os flagelantes iam para as ruas após a saída das procissões, aparecendo das matas escuras. Nesse caso, é evidente não se tratar da elite local, que lotava as dependências da matriz nas missas, mas sim de grupos populares, descamisados.

de uma “religião de pecadores”.⁴⁵ As rezas pelas almas cantadas pelos andarilhos ao longo da noite quaresmal de campos revelam um diálogo intrínseco entre o popular e o erudito e vice-versa. Um vestígio desse diálogo foi deixado pelo próprio autor ao assinalar que “Um grupo de músicos saía a dar a medonha serenata, havia mesmo composições especiais para esse fim. Ainda me lembro que então passava pelo primor do gênero o respectivo trabalho de um compositista mineiro, que viveu e fez época na minha província”.⁴⁶

Surpreendentemente, os anônimos membros da encomendação das almas de Campos exercitavam em meio ao seu repertório composições de eruditos. No plano cultural não havia lugar fixo para o erudito e o popular, ambos estavam em constante processo de circularidade.⁴⁷ Os penitentes usavam de diferentes cânticos para expressar os seus sentimentos de súplicas de perdão. Do erudito ao popular, o repertório da encomendação das almas buscava de todos os meios prender a atenção do sagrado, comover, demonstrar a mansidão dos corações arrependidos.

Não obstante, deve-se lembrar também que sob a ótica do jurista sergipano a encomendação das almas retrata uma tradição muito mais remota, pois é um reflexo do cristianismo paulínico.⁴⁸ É o lado doloroso do Cristo Sofredor que assume o papel preponderante. O Cristo morto triunfa sobre o Cristo ressuscitado. Na mesma linha de raciocínio, o cristão pecador, arrependido, sobressai sobre o modelo de cristão primitivo, aguerrido, ávido por mudança. Essa faceta do ritual foi o que mais incomodou Tobias Barreto. A ideia de pecado que permeia toda a ritualística quaresmal fez o autor expressar de modo contundente o seu repúdio. Ao criticar a marcha sofrida dos anônimos de sua terra natal ele buscou atingir a postura cristã nos moldes de Paulo de Tarso. Desse modo, os tempos bíblicos, os primeiros séculos cristãos confluíam na crítica tobiática no fim do século XIX. E essa faceta paulínica do cristianismo o incomodava, pois o mesmo referendou:

45 Menezes, “Penitentes”.

46 Menezes, “Penitentes”.

47 Sobre a relação entre a cultura popular e erudita, ver Carlo Ginzbug, “Sinais, raízes de um paradigma indiciário”, in: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989 e Ginzbug, *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Santa Inquisição*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

48 As práticas de sacrifícios têm sido um objeto privilegiado pela Antropologia. Entre os principais estudos destaque: René Girard, *A violência e o sagrado*, São Paulo, Edusp, Paz e Terra, 1998; Girard, *O bode expiatório*, São Paulo, Paulus, 2004 ; e Marcel Mauss e H. Hubert, *Sobre o sacrifício*, São Paulo, Cosac Naify, 2005.

“Sempre no fundo uma religião de culpados, uma religião de criminosos. É a impressão do terror, que tantas vezes incomodou o menino de outrora, não deixa de repercutir dolorosamente nas ideias e sentimentos do velho de hoje”.⁴⁹

Os lamentos que tantas vezes incomodaram os ouvidos do jovem Tobias Barreto tiveram repercussões que perdurariam por toda a sua vida. Ele mesmo reconheceu. Mas foram essas torturas do olhar e do ouvido no alvorecer da noite e da madrugada que possibilitaram o registro dessa importante manifestação. Mesmo como anônimos, os errantes andarilhos do sertão deixaram sua memória, perpetuaram seus gemidos e sussurros.

Cerrando as portas do auditório...

O ensaio de Tobias Barreto de Menezes referenda a hipótese da existência de grupos de encomendação das almas em Sergipe nos primeiros decênios do século XIX. Sua obra constitui uma peça fundamental na compreensão das práticas de religiosidade católica em Sergipe provincial, sendo um testemunho de grande relevância tanto pela raridade do objeto descrito, como pelo teor do detalhamento da narrativa. Trata-se de um texto escrito com ódio, repúdio, uma tentativa derradeira de amenizar as feridas de uma lembrança que ousava em não cicatrizar. Foram lembranças que o atormentaram de tal forma que o fizeram registrar em seus ensaios críticos.

É nesse ensaio de Menezes que se dá a peça teatral, como um grande espetáculo no qual personagens entram em cena para desempenhar seus facinorosos papéis. Palco, atores, figurinos, cenas e cenários estão presentes na minuciosa trama tobiática. A plateia vislumbrava o desenrolar do espetáculo de diferentes formas, ora em meio aos atores, ora dentro de seus lares. E assim discorreu a narrativa do autor em questão, apresentando-nos um verdadeiro banquete de elementos perceptivos da realidade observada. A obra manifesta a apoteose dos sentidos, fazendo com que a encomendação das almas e a famigerada procissão de preces fossem sentidas em seus múltiplos aspectos.

Os atores, pertencentes aos segmentos populares de Campos, entraram em cena bruscamente, como invasores saídos da penumbra das

49 Menezes, “Penitentes”.

árvores que margeavam o rio Real. Esses mesmos atores que outrora assombravam os moradores dos arredores da matriz Nossa Senhora Imperatriz aos poucos desapareceram, retornando para as suas penumbras. A alvura de suas roupas foi-se apagando nas sombras da memória. O espetáculo ao vivo acabou. As cortinas da dolorosa tragédia da Paixão nos palcos de Campos foram cerradas. Ficaram apenas os registros, fragmentos da memória de sua passagem, do grande teatro com estética barroca.

recebido em 27/02/2011 • aprovado em 14/11/2011